

**NADIA FOES**

# **ADORÁVEIS MULHERES**

**1ª Edição**



## **É preciso não esquecer de nada**

É preciso não esquecer de nada  
Nem a torneira aberta nem o fogo aceso  
Nem o sorriso para os infelizes  
Nem o coração de cada instante

É preciso não esquecer de ver a nova borboleta  
Nem o céu de sempre

O que é preciso esquecer é o nosso rosto,  
O nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso  
pulso

O que é preciso esquecer é o dia carregado de atos,  
A idéia de recompensa e glória.

O que é preciso esquecer é ser como se já não fossemos,  
Vigiados pelos nossos olhos  
Severos conosco, pois o resto não nos pertence.

## **Em busca do amor**

Corria o ano de 1960! Na época eu contava 13 anos, vivia em colégio de freiras e costumava passar as férias em casa de minha mãe. Não era minha casa! A casa de minha mãe sempre foi dela, lá eu estava apenas de passagem. Pois foi naquela época que eu conheci dona Risoleta Schlosser. Dona Risoleta era viúva de um aviador, como se dizia na época. Era uma senhora idosa, hoje ela seria uma senhora “de meia idade”. De porte ereto e pernas finas, barriga saliente e busto grande, quadril estreito e por isso pariu uma única filha, que, na ocasião que a conheci, já poderia ser considerada senhora de meia idade. Ela era alta como Dona Risoleta porém com o corpo mais definido. Tinha um corpo bonito. As duas viviam juntas, pareciam dois troncos da mesma árvore e como a filha não era bonita ou agradável, porque saiu a mãe, de temperamento arrogante. Foi difícil arranjar namorado. Todas as moças da época já estavam comprometidas e a filha de dona Risoleta nada de alinhar um bom partido, porque ela foi educada para casar bem. Dona Risoleta costumava dizer, em alto e bom som, minha princesa não se passa para qualquer um. No fundo dona Risoleta não desejava um casamento para sua filha, até porque ela, segundo as más línguas, só teve aquela filha para ter alguém garantido para cuidar dela na velhice. Sua filha chamava-se Rachel. Rachel aos trinta e seis anos e com medo de morrer sem ser “inaugurada” conheceu um oficial da aeronáutica que veio ao Brasil em missão especial. Que missão era essa nunca se soube. Poucas pessoas conheceram o ilustre oficial. O fato é que Rachel se perdeu de amores e no fogo da paixão foi inaugurada e o amor virou cinzas. Ela ficou, como se dizia na época, em estado interessante e aquilo foi uma bomba na sociedade conservadora da época. O noivo voltou para sua terra, era americano, e quem ficou a ver navios foi Rachel. Dona Risoleta, mulher decidida, não se amofinou, arrumou as malas, pegou Rachel e foi para a terra do Tio Sam onde permaneceu até o bebê nascer. Jack foi o nome escolhido para homenagear Jacqueline Kennedy. Pois Jack nasceu forte e linda. Só pode ter herdado a genética do pai. Nos Estados Unidos elas permaneceram até Jack completar dois anos e o dinheiro acabar. De volta para o Brasil

trazendo a notícia da trágica viuvez de Rachel, ficaram as três: duas viúvas e uma órfã. Resumindo, elas mataram o Sr. Thompson, que era o pai da Jack, e voltaram para casa. Venderam a casa grande onde Rachel foi criada para se casar com o príncipe não se sabe de que casa real. Com a venda da casa, foram viver em uma rua de comércio popular onde possuíam uma casa assobradada que na parte de baixo funcionava uma loja de aviamentos e na parte de cima era um apartamento. O referido imóvel foi herança de dona Risoleta. Elas se alojaram na parte de cima da loja. As duas viúvas e a órfã viviam no apartamento escuro, sem ventilação, porém, no verão, e nas férias de julho, elas mudavam para o litoral, para a casa de praia onde uma varanda foi fechada para servir de quarto para pequena órfã. Na realidade a casa era uma edícula inacabada e, de puxadinho em puxadinho, se transformou em uma casa. Elas eram muito caprichosas. O local era muito simples, mas de efeito; tinha um jardim bonito na frente onde foi instalado um balanço para a pequena brincar. Era uma cortininha de crochê aqui, uma colcha estampada lá, bancos cheios de almofadas coloridas, espelho ladeado de anjinhos na parede, uma foto do pai de Rachel com modura oval, alguns vazinhos de porcelana de pendurar na parede que elas enchiam de plantinhas quando chegavam, uma poltrona velha coberta com tecido rústico, mesa e bancos toscos, mas muitas plantas e alguns trastes de gosto duvidoso, porém bonitinhos. Como a casa não tinha sala de jantar as refeições eram feitas na varanda da frente com direito a cortina para manter a privacidade. Na única sala mencionada acima também funcionava a cozinha e elas eram especialistas em “dar um jeitinho”. Dona Risoleta também se esmerou na arte de continuar arranjando um casamento para Rachel. Foi nessa época que ela teve a idéia luminosa que o marido ideal para sua filha seria o dono do cartório. Senhor de família tradicional e solteiro, como convinha. Porém o senhor em questão estava comprometido e casou com outra mulher. Jack foi crescendo com muito carinho da mãe e da avó e também foi preparada para casar bem. Era bonita e educada, possui pernas longas, tronco curto e um lindo rosto e uma cabeleira castanho clara muito bem tratada. Seu luxo era uma viagem anual para Miami, pois

para bancar as despesas sua mãe e sua vó costumavam comprar coisas em Miami e vender para as amigas em casa. Era jogo de lençol de tergal, que era novidade, camisolas de nylon para as noivas, chinelinhos, cremes, perfumes, tudo sob encomenda. Elas contavam com um parente que era piloto da aviação civil e se encarregava de trazer todas as compras. Nada faltava para Jack. Estudou em bons colégios, mas não tinha vida social como suas amiguinhas. Aliás, nem tinha amiguinhas, porque a situação de sua mãe não era vista com bons olhos. Nunca se soube se sua se casou realmente com o Sr. Thompson, nem sequer se o Sr. Thompson existia, tudo era mera especulação. Aos 14 anos, bem desenvolvida e linda, Jack passou a usar um adesivo em forma de bicho na altura da coxa. Ela aparecia no primeiro dia de verão com o dito adesivo e só o tirava depois de bem bronzeada com Rayto de Sol. Era a moda entre a moçada usar Rayto de Sol para ficar bem morena. Depois de bronzeada ela retirava o adesivo que marcara a sua pele muito branca, parecia uma tatuagem cor de pele. Foi nesta época que dona Risoleta começou a dar explicações para todos os veranistas conhecidos e não conhecidos, o que significava aquilo. Era o amuleto da sorte dos guerreiros de uma tribo de índios americanos. Dizia que o Sr. Thompson era o herdeiro das pajelanças da tribo. Eram uns índios riquíssimos que tinham poderes tanto para curar como para destruir e que Rachel fora escolhida pelo pajé para ser mãe da reencarnação do pajé. E com a morte do pajé os poderes passaram para Jack que eram múltiplos. Esse fato correu de boca em boca. A sociedade ficou surpresa e curiosa pois correu de boca a boca, porem as portas continuaram fechadas para a moça de tão ilustre dinastia. E no final das férias ninguém mais comentava nada, para o desgosto de dona Risoleta. Aos dezoito anos Jack se enamorou e ficou noiva de um rapaz muito leviano em matéria de amor. Ela costumava andar sempre muito bonita e seu vestuário era muito diferente das meninas da época. Sua mãe costurava lindos vestidos bem rodados, coloridos e por medida de economia, na época, era comum encontrar sapateiros que fabricavam calçados para festas. A mãe de Jack encomendava duas solas, uma de salto brotinho e outra rasa, como se dizia na época.

Nas laterais das solas haviam quatro alças onde Jack passava as tiras de tecido de retalhos de seus vestidos. Mas o vestido que ela mais usava era um vestido violeta com as tiras de mesmo tecido amarradas no tornozelo e nos cabelos longos ela transava uma tira do mesmo tecido e usava flores naturais coloridas do jardim de sua casa ou roubadas de algum vizinho. No dia de seu noivado, ela e o noivo, percorreram toda a cidade, de casa em casa, para participar o evento. Ela estava linda de violeta. O noivado durou um verão e o noivo achando que Jack merecia algo melhor, terminou o noivado. Jack foi se refugiar em casa de amigos de sua avó nos Estados Unidos, com passagens compradas a duras penas e amargou três verões sem namorado ou candidato a namorado, pois moça que foi noiva, naquela época, era considerada moça perdida. Na volta de seu auto exílio elas foram se refugiar na praia. No mesmo balneário onde Jack veraneava tinha um senhor que morava em uma casa de veraneio. A construção era de madeira, pintada de marrom com portas e janelas brancas, na frente um lindo jardim. Ele morava, durante os verões, nesta casa com sua mãe viúva e uma irmã solteirona. Jack apaixonou-se pelo jardim e acabou tornando-se amiga da irmã do senhor. E seis meses depois entrou na igreja de véu e grinalda e na vida social em grande estilo. O senhor, muito mais velho, muito alto, era riquíssimo, mas não ostentava. Ele aprendeu com Jack a viver a vida. Construíram a maior e mais bela casa de veraneio que se noticia até os dias de hoje e despertaram toda a sociedade da capital de seu sono profundo; todos queriam conhecer a casa de Jack e desfrutarem suas festas regadas do mais delicioso champagne francês e da companhia de astros do cinema, teatro nacional e internacional. Jack virou moda, ela tornou-se referencia. Tua o que ela usava virou moda. Até o carro que Jack dirigia passou a ser o sonho das mulheres e os seus maridos para se penitenciarem das escapadelas tratavam de comprar o mimo para suas esposas. Dona Risoleta passou a ter bons motivos para se orgulhar da neta e da filha. Até esqueceu da ilustre dinastia da neta ou do ventre abençoado de sua filha. Não precisou mais inventar histórias, porque a vida de Jack ultrapassou todos os limites do imaginário. Jack era a história.

## **A mãe de Naná**

Ela sempre foi uma pessoa determinada. E não permitia afrouxamentos. Não era de se esperar de sua progenitora um temperamento tão arredio. Sua família era abastada. Seu pai teve o controle de imprensa nas mãos. Como não poderia deixar de ser sua governanta era inglesa. Aprendeu música, conhecia a história da Grécia antiga e sabia tudo sobre o império romano. Sua cultura geral era vastíssima. Era uma jovem bonita e muito inteligente e moderna. Casou cedo, já sabendo o que desejava da vida e do casamento. Seu marido era banqueiro como fora seu avô e seu pai. O casal teve três filhos, duas meninas e um menino. Era uma época em que as mulheres circulavam pela alta sociedade. A mãe da mãe de Naná montou a boutique mais badalada dos anos sessenta e Carnaby Street era a sua referencia fashion, o berço efervescente do movimento *swiming*. London, que ficou mundialmente conhecida por abrigar originais lojas de música e boutiques como o atelier da estilista Mary Quant, inventou a mini-saia. Sem dúvida a avó de Naná era vanguardista. A mãe de Naná era a segunda filha, era uma menina muito tímida, dizia que moda não era com ela, porém entendia muito bem de moda, só não era adepta, porque só usava uniforme escolar. Estudava em regime de semi internato. Se não estava no colégio, estava agarrada à saia da mãe. Quando completou doze anos era tão retraída que ganhou sua primeira máquina fotográfica, ficou tão encantada que passou a fotografar tudo e se aprimorou, fez estágio no estúdio de famoso fotógrafo da época. Já de posse de uma máquina fotográfica e ninguém segurou mais a menina. Nos desfiles de moda de sua mãe ela já fazia desde a iluminação à cobertura fotográfica com direito a créditos. Passou a viajar com sua mãe para abastecer as boutiques. Não perdia um lançamento de moda. Tornou-se braço direito de sua mãe. Certa ocasião sua mãe encomendou um vestido de alta costura de renomado costureiro. Seu motorista foi apanhar o vestido para a festa anual da mulher do chanceler do Reino Unido. Era um belo vestido, com saia em camadas e cada camada era assentada com fio de nylon para fazer flu-flu. O motorista colocou o vestido que estava em um cabide e com uma capa, no assento de trás



do carro, e levou o vestido com todo o cuidado até a cobertura. Pois um dos fios ficou preso no elevador e a medida que o elevador subia o vestido se retorcia no cabide. O rapaz carregava outros pacotes que colocou no chão para ver que metamorfose era aquela. Foi aí que ele viu o fio transparente preso. Já era tarde, ele imediatamente voltou ao atelier do costureiro que acabara de sair com sua contramestre rumo ao aeroporto. Ele voltou e foi até a boutique onde a avó de Naná costumava ficar para dar conta do estrago. A avó de Naná não gostou da história porém entendeu que a culpa não foi do motorista e sim do costureiro que não colocara o vestido dentro de uma caixa como era de costume. O vestido era para ser usado com um magnífico colar de esmeraldas e diamantes. Pois Naná foi com a sua mãe para a sala de costuras da boutique e escolheu um dos vestidos que estavam nas araras à espera do próximo desfile, que seria dentro de poucos dias. Naná escolheu um vestido roxo de Jersey modelo que elas trouxeram na última viagem à Europa. O vestido era um modelo transpassado com ousado decote em V, que Naná fez sua mãe usar nas costas, e ainda teve a ousadia de fazer sua mãe usar sapatos verdes com carteira igual. O vestido serviu para ressaltar as lidas jóias de sua mãe que foi capa de badalada revista de circulação nacional. A mãe de Naná, como jovem bonita, só foi descoberta no seu baile de debutante. Ela foi a debutante mais bela, passou a ser convidada para desfilar, ela até achava divertido um desfile ou outro porém a sua paixão era a fotografia, Amava tanto fotografar que resolver ir para a França, foi morar em Paris. Sua mãe tinha uma amiga cuja filha morava em Paris e Naná herdou o apartamento onde a moça morava e mais uma estudante, moça também retraída que também estudava na renomada Sorbonne. A mocinha passava os dias lendo Balzac e algumas vezes encarnava Serafita. Chegava a passar dias só a base de frutas para encarnar melhor a personagem. Era pura fixação. A mãe de Naná fazia ponte aérea Paris-Rio até encontrar no restaurante da universidade um lindo estudante de sociologia de quem ficou amiga e Serafita conheceu um estudante de artes cênicas e os quatro passaram a sair juntos. Levavam uma vida de estudantes, freqüentavam os restaurantes do Quartier Latin, o bairro dos

estudantes com pouco dinheiro. Dois anos depois Serafita terminou o curso, e foi para os Estados Unidos com o seu namorado. A mãe de Naná já estava namorando firme e trouxe o namorado para conhecer os seus familiares. Os pais do pai de Naná na época viviam na Espanha. A mãe de Naná engravidou e casaram. Eles eram jovens belos e inteligentes e foram adotados como mascote de intelectuais famosos e todos envolvidos com o jovem casal, a mãe de Naná conta que Naná fez sua estréia na vida com cenário e figurino. O casal morava em um apartamento charmoso na Rue de Sommercard, vizinhos da Sorbonne. Ela conta que o apartamento era cheio de livros e de bom gosto. Tudo ali era muito gracioso, pois foi nesta época que o pai de Naná ficou mais envolvido com os acontecimentos políticos e passou a dar palestras e a lutar contra a ditadura militar que torturava o país. Ela ajudou muita gente abrigando e encaminhando, deu muito dinheiro para ajudar seus amigos saírem do Brasil, muitos dos amigos eram jovens de família que estavam na mira. Foi quando eles vieram para o Brasil, ele dava palestras e se mantinha no anonimato para proteger Naná e sua mãe. Não procuraram os familiares, pois nesta época o pai de Naná que temia pela integridade de sua família, estava aliado à família de famoso médico que muito contribuiu com o momento em que estavam vivendo. Eram momentos de terror e o médico ajudou muita gente a sair do país. O avô de Naná que financiou muitas obras públicas teve seus bens indisponíveis. O regime era autoritário. O banco ficou anos se segurando para não quebrar e o dinheiro mudou de mãos, e tudo foi se desmoronando. O avô de Naná adoeceu, foi fazer tratamento nos Estados Unidos. Tudo graças aos negócios do avô de Naná e acabaram ficando por lá, pois o tio de Naná já morava em Boston há alguns anos. A tia de Naná, que era casada com militar da aeronáutica se afastou dos familiares para se proteger e proteger os seus. Quando o pai de Naná desapareceu Naná e sua mãe foram levados para a residência dos médicos, onde viveram sob a proteção da família. A mãe de Naná teve que viver na clandestinidade e durante anos ela cultivou o hábito de falar com Naná sobre sua vida e quanto eles foram felizes com o amado Dadou, e como carregavam aquele baú de livros, perdeu a

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

